ANO II — Lisboa—Quarta-feira, 5 de Junho de 1918 — N.º 383

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Oliveira, 34

Editor — João M. Santos

Telefone: C. 1035

Sindicalismo e Democracia

A Revolução e o Trabalho

A Revolução franceza, que levou na ponta das baionetas as doutrinas democraticas aos povos da Europa, e impoz á força as suasteorias, de liberdade, igualdade e fraternidade, desmoralisou os povos, dividiu a sociedade e anarquisou o trabalho. E' sobre este ultimo ponto que veio pelo tempo a formar-se a doutrina contra-revolucionaria que, sendo mais realista e por isso menos sentimental, não esqueceu no entanto os milhares de victimas que foram sacrificadas á deusa Razão e os milhões que ainda hoje são imolados nas planicies flamengas e francezas ao dragão insaciavel da Democracia.

Os teoricos de 89, fazendo tabua raza de toda a velha constituição organica dos povos, deram alicerces de movediça areia a uma sociedade sem freio como era a que podia sair de uma revolução feita de odios, consolidada com sangue, lagrimas e lama.

As velhas corporações de artes e oficios que foram *a gloria e o explendor da Edade-Media* e que ainda no tempo de Henrique VIII e de Colbert atingiam um brilhantismo, um relevo e uma preponderancia social que em epoca alguma haviam sido ultrapassados, a solida, se bem que já deficiente, organisação do comercio, da industria e da agricultura que durante tantos seculos estabelecera um sofrivel equilibrio social e punha um freio á ganancia á especulação e á fraude, «as christianissimas instituições onde—no dizer do eminente sociologo abade Emile de Vossen—os oficiaes, os mestres e aprendizes de cada profissão se auxiliavam e se amavam com o maior respeito e a maior disciplina», ruiram aos golpes formidaveis que Turgot vibrava na propria Monarquia e finalmente a famosa Lei Chapellier acabava de vez e para sempre com os gremios profissionaes. As ideias preconcebidas pelos enciclopedistas de que o homem nasce livre e que a liberdade é a sua unica que não já essencial finalidade, tinham amadurecido nas classes elevadas e feito ha muito a sementeira entre os proprios trabalhadores.

Por isso a abolição tyranica e anti-social dos gremios foi recebida com indiferença pelos «artistas» que, desde a instituição dos primeiros monopolios, se haviam acostumado ao despostismo capitalista e iam a pouco e pouco deixando cair em desuso os velhos costumes corporativos.

Quando no tempo do Terror a guilhotina tentava consolidar uma Republica sobre montões de cabeças decepadas, quando o odio á Egreja e á Realeza atingiam requintes de ferocidade e o furor sadico dos convencionaes e das multidões fanatisadas se embriagava com o sangue que a França e o mundo ofereciam em holocausto á liberdade, quando enfim, arrefeceram as cinzas do velho edificio social incendiado por duas gerações de ideólogos e de criminosos, ainda não era possivel constatar-se como hoje que a derogação do regimen corporativo fôra o maior crime que ha desoito seculos se cometia contra os privilegios profissionaes e consequentemente contra as liberdades dos povos.

O liberalismo politico e o liberalismo economico

Instituindo a sociedade sobre novas formulas de que «os direitos do homem» faziam parte essencial, em breve as teorias democraticas desmentiam na pratica as excelencias apregoadas pelos precursores da Revolução.

Da liberdade, egualdade e fraternidade, arvoradas em lema universal e gravadas nos pendões revolucionarios de ha pouco mais de um seculo nada até hoje se conseguiu traduzir em doce realidade. Embora a democracia conte na Europa e na America um seculo de acidentado e sanguinolento predominio e, posto que seja por uma ideia vasia e falida que se batem ainda hoje algumas nações, o que é certo e que ninguem já pode refutar é que na actualidade existe a mais provocante desegualdade social, graças ao liberalismo economico, e que os odios fomentados pelo liberalismo politico abonam muito pouco a fraternidade ideal que os ideologistas sonharam.

Não é agora em plena derrocada do liberalismo e quando os povos para não serem esmagados se vêem forçados pelas circumstancias a recorrer aos mais autocraticos governos, que o liberalismo politico pode ser com mais serenidade apreciado e que a sua obra nefasta tem de ser vista isenta de paixões ou dos partidarismos estreitos, que ainda hoje subsistem através de tanta ruina e de tanto odio.

Ainda hoje, apesar dos formidaveis exemplos da guerra, os filosofos de meia tijela supõem o homem tal qual ele deveria ser e não tal como infelizmente é. Daí, e da influencia de certos elementos deleterios que se não podem conformar com a evolução francamente tradicionalista de certas correntes intelectuaes, o «depois da guerra» será fertil em surprezas que audaciosamente filosofos como Le Bon teem pretendido desvendar. Do liberalismo politico nada resta hoje que possa fazer-nos acreditar no seu futuro predominio.

Não houve país algum onde depois da guerra o liberalismo economico não fosse consideravelmente reprimido. Os povos onde o regimen corporativo subsistia apesar de mal acondicionado ás suas instituições politicas foram os que melhor resolveram e com mais equidade a questão economica. Nos países onde as doutrinas democraticas haviam dissolvido todas as classes elevadas e feito ha muito a sementeira entre os proprios trabalhadores.

O futuro

E digo que esses habitos serão dificeis de desaparecer porquanto eles se tornaram universais. Aqueles que julgam que terminada a guerra desaparecerá a ganancia e a especulação enganam-se a si proprios ou tentam enganar os outros. Pois se em tempo de guerra e com leis severissimas nunca foi possivel evitar a constante subida dos generos, como evita-la depois que o industrial, o comerciante e o intermediario estejam completamente livres das peias e das repressões do Estado? Evidentemente que a situação economica deverá melhorar alguma cousa, atendendo aos milhões de braços que a guerra está ocupando. Porem, a questão social que antes da paz não foi solucionada, tambem não tem grandes probabilidades de o vir a ser pelos actuais dirigentes das nações em litigio. E, embora filasofos eminentes apregoem uma grande evolução na mentalidade humana, vê-se pelo contrario que, apesar de todas as nações se governarem autocraticamente e tanto melhor quanto menos se aproximam da democracia, ainda os «imortais principios» andam na boca de muita gente que não aprendeu ou não quiz aprender com os ensinamentos da guerra. O sentimentalismo, as ideologias e os preconceitos jacobinos de que «para trás não se volta», teem provocado a prolongada duração dum conflicto que nasceu dum crime e tem sido alimentado pelas ambições desmedidas das democracias e dos partidos radicais e liberalistas. Quando um dia poder fazer-se a historia desapaixonada da grande guerra vêr-se-á quantos milhões de cadaveres ficarão a servir de trono á democracia,—rainha depois de morta!

E á sua sombra, durante o periodo sangrento em que o Direito, a Justiça e a Civilisação serviam de bandeira a exercitos e a nações, a classe, ou antes diversas classes de capitalistas e de burguêses, montaram em quasi toda a Europa a maquina formidavel e ameaçadora que os defenderá numa hora de perigo e os auxiliará nos seus intentos de soberania e de predominio. As grandes companhias de seguros, os bancos comerciais, industriais e agricolas, os grandes e poderosos sindicatos capitalistas tem organisado uma rede que envolve os Estados e os coloca á sua disposição.

E ao passo que o socialismo sofre com a guerra a mais terrivel derrota completada difinitivamente com a tragica esperiencia russa, os trabalhadores veem-se novamente desprotegidos e sem defeza, entregues á mercê de patrões deshumanos ou das ambições dos politicos. Já vai longe o tempo em que tinham sofrivel curso as doutrinas tendentes a estabelecer a igualdade e a concordia entre os homens pela distribuição equitativa das riquezas. Por outro lado o culto da incompetencia já não é um dogma intangivel, A revolução social já não tem revolucionarios—em compensação os povos, scientes de que a falta de auctoridade e de disciplina conduz ao primitivismo, abdicarão sem repugnancia da sua soberania em proveito da colectividade. E' que alguma surpreza nos reserva o futuro, ao encerrar-se, quasi, o primeiro quartel do seculo vinte...

Sindicalismo e Democracia

Sindicalismo e democracia são duas palavras que se excluem, se repelem; onde existir a ultima não pode prevalecer a primeira. A democracia dá a cada individuo a liberdade de procurar ou conseguir por qualquer fórma a melhor situação social possivel. O individuo que a democracia entrega a si proprio vendo-se isolado no meio da sociedade pode considerar-se—como diz De Pascal—um pária que nasce exposto, vive celibatario e morre em um hospital.

E' entregue a si proprio o homem ou tem de viver pelo favor, ou pela protecção ou pelo «arrivismo» e pela audacia. Nada ha mais triste para a dignidade humana do que a necessidade de esmolar trabalho; pedir por favor onde empregar a actividade e o esforço. E'no entanto é este o quadro que nos oferece o regimen democratico da liberdade de trabalho. A luta feroz, brutal, em que os homens se envolvem actualmente jámais foi conhecida no tempo em que ainda não haviam sido extinctos as tres ordens hierarquicas que compunham a Nação nem as corporações profissionaes, militares e religiosas. «A Revolução—diz o Doutor Pacheco d'Amorim em o seu recente livro «*A Nova Geração*»—reduziu a pó a ossatura da sociedade que se viu por esse facto transformada numa multidão informe de individuos sem mais cohesão que a força mecanica duma tradicção que o peso da lei constante e progressivamente contrariava».

Foi essa tradição que durante mais dum seculo obstou a que a sociedade se desmoronasse; é dessa tradição que nasceu o movimento nacionalista em todos os paizes onde a democracia conseguiu derrancar as proprias energias vivificantes da mocidade em gerações passadas. As modernas correntes politicas filosoficas, sociaes, são francamente tradicionalistas.

Os «homens dontem» não compreendem nem podem compreender a grandeza deste movimento. Eles que julgaram superior a formula democratica da soberania do povo e duma egualdade vergonhosa e humilhante, pasmam quando ouvem falar no Sindicalismo como a formula mais racional de organisação social, e chamam-nos reacionarios quando pomos em evidencia as vantagens do regimen corporativo. «Sindicalismo» palavra que na pratica resolve todos os problemas economicos e sociaes, como «Integralismo» que dá solução á questão politica, estão em oposição absoluta com os principios sociaes e politicos que guiaram o seculo desenove, corolarios mediatos ou imediatos do principio individualista, segundo o qual, o individuo é o ultimo fim da sociedade».

A questão social é uma questão moral e uma questão nacionalista. E se é certo que a maçonaria desmoralisou primeiro para destruir depois, cumpre-nos a nós fazer a reconstrução do grande edificio social sobre alicerces solidos e cristianissimos.

Cesar A. d'Oliveira

QUOTIDIANAS

Os "Vocês,,

E' uma moda relativamente moderna o tratamento de *Você* entre homens e senhoras, rapazes e raparigas na sociedade portuguêsa. *Você* é ás vezes a transição de *V. Ex.ª* para o *tu*, outras equivale e substitue o proprio *V. Ex.ª* e vulgarmente é usado e abusado como um requinte de elegancia. E' um galicismo, é a tradução do *vous* francez e como tudo o que se apresenta com sabor e preocupação de desnacionalisado ou de deslocado tem a propriedade de brigar com o nosso feitio, de arripiar, de produzir a mesma impressão que nos causa uma saloia com vestidos de seda e sapatos elegantes, de tações altos..

Como todas as coisas más que importámos da França—entre outras o *liberalismo*, por exemplo—o *Você* propagou-se assombrosamente e, diga-se de passagem, não deixa de se harmonisar com o *calão*, com as maneiras *afadistadas*, com os *fox-trot*, *passo do urso*, *tango* e toda a serie de danças modernas que sucedendo-se em exagero e inconveniencia teem feito as delicias da novissima sociedade elegante. Se os velhos portuguezes ressuscitassem—eles que asseguraram para a Raça um renome de finura, delicadeza e distinção—e vissem as gerações de hoje gesticulando como os *rufias* dançando como os *opaches* usando e lidando com familiaridade o *calão* e o *você*, eles que viveram na culminancia da praxe, da verdadeira elegancia, nos tempos em que a distinção e a educação eram esmeradas, eles que dançaram o minuete e falaram finamente, que tinham a preocupação fidalga do porte e das maneiras, perante esta decadencia, esta confusão e profusão de *Vocês & C.ª*, nesta salada em que se resume hoje a sociedade portugueza—oh! consequencias tremendas e demolidoras do liberalismo!—voltavam horrorisados para o fundo dos tumulos pedindo a Deus lhes permitisse dormir o eterno sono sem pesadelos horripilantes...

Alfredo de Freitas Branco

A lei do divorcio

Não pode deixar de merecer o nosso aplauso o decreto publicado pelo *Diario do Governo* permitindo aos conjuges a separação de pessoas e bens por mutuo consentimento, visto que, em relação ao divorcio, diz o decreto, que «*ás crenças religiosas de grande numero de cidadãos portuguêses repugna aquele meio de dissolução do casamento*. E' certo que, contra a sciencia e contra a familia, o principio nefasto se mantem. No entanto, traduz um notavel espirito de verdade e justiça o reconhecimento publico que se dá ao facto do divorcio repugnar á consciencia religiosa da maioria dos portuguêses. Não regatearemos por isso os nossos louvores ao senhor secretario de estado da justiça.

No bom combate

No seu ultimo romance Paul Bourget observa por boca do padre Desmargeret, que, como Roma antiga, é á Africa que a França de hoje vai retemperar a sua energia tradicional. Paiz de colonizadores, ainda que a colonisação não seja a nossa obra mais feliz, é em Africa e pela Africa que as virtudes antigas da raça se recuperam e vibram de novo para a posse dos seus destinos. Não foi em vão, ao acaso, que Eça de Queiroz mandou Gonçalo Mendes Ramires para a Zambezia. Na agonia marasmada do Constitucionalismo as campanhas de Africa deram um forte assomo de vida á existencia triste de Portugal, caminhando ás abas da sobrecasaca solene de Acacio. Dessa epopeia ficaram em Mousinho, em João Coutinho e Paiva Couceiro nomes que se ampliam e fixam na grandesa primaveril dos grandes simbolos.

Compreende-se assim a emoção com que nós arquivamos hoje, nas nossas coluna a adesão incondicional dum moço, mas reflectido e já experimentado africanista. E' do senhor João Veloso, gerente duma roça no Principe, e irmão de alguem que pelo seu prestigio e pela sua lealdade é uma das mais belas figuras do nosso movimento. Não poude faltar João Veloso ao apelo do seu sangue. São palavras firmes dum corajoso e dum decidido as suas palavras.

«... *Senhor*

De ha muito já que as doutrinas integralistas são por mim consideradas como o meu «credo» politico; nelas deposito a minha esperança, a minha fé, unicas, mas por isso mesmo tanto mais sinceras e ardentes do resurgimento da nacionalidade portuguêsa.

Prestes a apresentar-me de Portugal, julgo cumprir um dever, oferecendo-me como mais um soldado obscuro, mas fervoroso, do Integralismo Lusitano. Com os meus cumprimentos, tenho a honra de me inscrever, etc., etc.,

João Maria de Sepulveda Veloso.»

Sôa como um clarim a profissão de fé do nosso novo camarada. Lá longe, na sua ilha, debaixo do Equador, a visão da Patria lhe aparecerá mais nitida nas linhas centenarias duma fisionomia que é moça e velha a um tempo. Portador duma parcela de autoridade, João Veloso sente, na sua situação, a força duma disciplina e o encargo pesado duma civilização. A sua missão de *homem-branco* lhe deu cedo o sentido oculto do nosso nacionalismo, ao meditar o passado que ali representava como uma obra tão larga de fé e de aventura. Ei-lo que vem a nós com a resolução dos crentes. Bemvindo seja! E ao brado que nos chega do outro lado do mar, respondamos nós, da nossa parte, entusiasmados como sempre,

Propaganda!
Propaganda!
Propaganda!

Augusto Tello

Já se receberam noticias directas deste nosso querido amigo. Encontra-se no campo de concentração de Rastatt. Rastatt, ou Rastadt, fica no gran-ducado de Baden. E celebre por se ter lá reunciado o congresso que pôs fim á guerra de sucessão em Espanha. Deixariam em Rastatt vestigios da sua passagem os diplomatas de D. João V? O que sabemos é que neste momento lá arrasta a sua saudade um português que é um valente e um integralista que é pela força da sua doutrina um coração cheio de confiança. Na comunidade invencivel do espirito, conte Augusto Tello com a nossa constante assistencia.

Dr. Xavier Cordeiro

A secretaria de Estado de Justiça vai encarregar o nosso querido amigo dr. Adriano Xavier Cordeiro de elaborar um projecto de lei relativo á concessão de indemnisações por prejuizos e danos pessoais produzidos pelas diferentes especies de viação terrestre. Folgamos com este reconhecimento oficial da competencia do ilustre presidente da *Junta Central do Integralismo Lusitano*.

Uma bela festa escolar

No sabado passado a Escola Academica realizou um sarau musical e dramatico que merece com toda a justiça uma referencia especial neste jornal onde se não fazem reclamos. Representado por alunos da escola, ensaiados pelo distintissimo professor de arte de dizer, senhor Lobo de Campos, o *Auto da Barca do Inferno* renasceu mais uma vez do seu passado de quatro seculos, e o admiravel *misterio* vicentino teve um conjunto de interpretação muito interessante. No final, um dos *cavaleiros de Cristo* recitou a *Exortação á guerra contra os mouros de Azamor*, que, nesta epoca, como *moralidade* e sugestão de heroismo, vem muito a proposito escutar. A outra iniciativa a que desejamos referir-nos é a do Orfeon composto por cerca de trezentos alunos, sendo o grupo dos *baixos* formado por alguns professores. O Orfeon, que é o primeiro que no seu genero se faz ouvir em Lisboa, deve-se ao esforço e ao talento do professor Rafael Duarte, que deste modo deu uma prova de alto merecimento.

Tentativa bem orientada e bem sucedida de nacionalização em festas escolares, aqui a deixamos assinalada, apontando-a como exemplo.

Contra a guerra

A «COMPANHIA GARANTIA» effectua seguros de GUERRA. Agencia: José Henriques Totta & C.ª, banqueiros R. Aurea, 69 a 75. Telef. n. 1589-C.

A festa do cravo

Á generosa iniciativa da Senhora Condessa de Ficalho

Já não é um segredo para ninguem: — no proximo dia 15 do corrente, a Assistencia das Portuguêsas ás victimas da guerra realisa em Lisbôa e nas provincias a *Festa do Cravo*.

E como a generosa inicirtiva pertence á senhora condessa de Ficalho — nobre pela linhagem e pelo coração — fomos ontem ao meio da tarde, á rua Luz Soriano, procurar S. Ex.ª que é tambem uma das ilustres fundadoras da *Assistencia das portuguêsas ás victimas da guerra*, para que gentilmente nos fornecesse alguns apontamentos para por meio delee informarmos os nossos leitores da proxima festa do cravo.

Mas a senhora condessa de Ficalho tem visitas na sua linda sala: — senhoras que estão organisando o programa da festa, dessa festa que daqui a dias acordará Lisboa inteira com um pouco de arte e coração.

E' a senhora D. Maria de Lancastre Van Zeller, ilustre secretaria da Assistencia das Portuguêses quem amavelmente nos dá as informações pedidas sobre a Festa do Cravo.

A iniciativa pertence á Senhora Condessa de Ficalho e a Festa do Cravo é levada a efeito por uma comissão de senhoras da Assistencia.

Sabe-se o que é a Assistencia. Logo depois da nossa participação na guerra as sr.as Condessas de Ficalho, de Burnay e Santo Tirso—lançaram as primeiras bases, e, pouco depois com o concurso de muitissimas senhoras—estava a Assistencia organisada e pronta para socorrer as esposas e os filhos menores dos soldados que partiram para a guerra.

Por toda a parte, em Lisboa e na provincia, a ideia espalhou-se, generalisou-se. Começaram a chegar os donativos. A 15 de março de 1917 realiza-se a primeira festa da flôr cujo producto reverteu a favor da assistencia. Com o dinheiro entrado desenvolveu-se a acção da Assistencia.

Em novembro passado inaugurou-se um Dispensario para os filhos dos mobilisados, com medico, farinhas e medicamentos. E desde a sua inauguração até hoje a Assistencia, regularmente, todos os mêses, tem subsidiado as mulheres dos mobilisados e feito esmolas avulsas em casos especiais como doenças, regresso ás suas terras e desempenho de maquinas.

Por falta de maiores recursos a sua acção benefica tem-se limitado apenas ás familias dos soldados para quem, no entanto, se envia de vez em quando mantos e cigarros.

Mas como o producto da ultima festa da flôr não foi destinado este ano para a Assistencia, esta vê-se em serios embaraços para continuar a manter os seus subsidios—perto de quatro contos de réis mensais.

Mas a proxima festa do cravo que começa a despertar um grande entusiasmo, vai com certeza tirar de dificuldades a Assistencia.

O que será a Festa do Cravo?

Uma festa de arte e coração.

Daqui a dias lindos cartazes, com versos da ilustre poetisa D. Branca de Colaço, anunciarão pelas ruas de Lisboa que no proximo dia 15, dia do popular Santo Antonio, todos os portugueses pobres e ricos hão de contribuir com o seu obulo para a Assistencia, que tantos beneficios, generosos sempre, largos muitas vezes, tem prestado ás mulheres, aos filhos e aos pais dos mobilisados.

A Festa do Cravo não será apenas uma festa de elegancia e de arte, será tambem uma festa portuguesa e patriotica.

Dois dias antes todos os estabelecimentos começarão a vender os cravos de Santo Antonio para os quais os nossos primeiros poetas escreveram lindas e sentidas quadras.

E no dia 15 de manhã todas as casas amanhecerão com os vidros das janelas floridos com os lindos cravos, os carros eletricos, os carros atravessarão Lisboa com a flor simbolica de Santo Antonio que este ano será tambem a flôr da Assistencia.

Ao principio da tarde numerosos grupos de senhoras percorrerão todos os bairros, todas as ruas, todas as casas particulares, teatros e animatografos vendendo cravos e lembrando a todos que os nossos soldados que combatem no *front* teem familias em Portugal que são pobres.

Na Avenida da Liberdade uma barraca venderá sinas e mangericos, gaiolas de grilos e apitos de barro, portuguesissimas coisas, de um cunho tão popular. Dia de Santo Antonio e dia da Assistencia!

Como Lisboa vai acordar nesse dia — renxemorando um santo e homenageando os nossos heroicos serranos.

Porque a Festa do Cravo, como foi a Festa da Flôr e não será uma esmola, mas uma homenagem.

ACÇÕES
DO
Banco Nacional Ultramarino
EMISSÃO DE 33.333 1|3 ACÇÕES
Nunes & Nunes Suc.
Convida a sua Ex.ma clientela a subscrever na Emissão aberta de 3 a 7 do corrente.

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Na sua «Situation Militaire», o «Temps» de 29 do mês findo, diz, entre outras coisas, o seguinte: «O inimigo, que tinha preparado cuidadosamente o seu plano, que tinha escolhido a hora da execução e que dispuzéra as suas reservas, de modo a poder intervir onde fosse preciso, empenhou novas forças, na tarde de segunda-feira (27), muito superiores ás que nós lhe podiamos opôr.»

Ora ha aqui neste unico periodo nada menos de duas coisas, que de forma alguma podemos compreender—sob o ponto de vista restrictamente militar, claro está.

Sabemos perfeitamente que, como acentua e muito bem o jornal parisiense, «o papel do comando dum exercito na ofensiva é mais dificil que o do adversario.»

Tambem, por outro lado, escusado será dizer que no que vamos dizer nem ao de leve tentamos roçar o prestigio e os merecimentos de grande general e de benemerito cidadão de Foch, que hoje, com toda a razão tem em suas mãos o leme da nau de guerra dos aliados.

Mas vamos ao caso.

Os alemães concentraram as suas reservas onde muito bem entenderam. Entre Soissons e Reims, como o poderia ser entre Montdidier e Amiens, entre esta e Arras ou lá mais para o norte, frente ao saliente de Ypres, com a mira em Calais, Boulogne e Dunkerque.

Até aqui perfeitamente.

Mas essa massa de reserva que os alemães concentraram, certamente que podia e devia ser vista, pois fatalmente teria de se deslocar e para se deslocar ou havia de tomar pela via ordinaria (hipotese pouco provavel) ou pela via ferrea.

Depois não se concentram entre Soissons e Reims uns 500 a 600 mil homens sem que o serviço de vigilancia e descoberta do adversario dê por isso, a não ser que a aviação aliada estivesse cega e todos os recursos de que dispõe um exercito moderno para «se guardar» (a espionagem, por exemplo) jazessem em estado cataleptico.

Como foi portanto possivel a surpreza de 27 de maio, quando as divisões do exercito de Von Boehm se lançaram com impeto ao assalto do «Chemin des Dames» e do vale do Aisne?

Não compreeendemos...

Em 21 de março, quando os grupos de Exercitos dos Herdeiros da Corôa Imperial e da Baviera «arrancaram» de La Fére e Cambrai, direitos a Amiens e a Noyon, por Bapaume e Ham, ainda essa surpreza se compreendia, muito embora não fosse em absoluto um segredo que uma ofensiva germanica se ia dar, segundo todas as probabilidades. Havia então a desculpa de ser a primeira vez e da «primeira ninguem se livra», já o dispõe o rifão popular.

Em 9 de abril, o descuido não foi tão imperdoavel. Mas emfim: todas as atenções haviam convergido sobre a zona do Somme, ninguem calculava que um Von Arnim fosse atirar-se de cabeça baixa sobre Laventie e Armentières, direito ao massiço da Flandres. E a prova de que ninguem com tal coisa contava, está na revelação que hoje fazem já muitos jornaes francezes de que grande parte da artilharia e de aviação inglezas, que estavam na Flandres, haviam recebido ordem de marchar para vir tapar a brécha deixada pelo exercito de Gongb no Oise.

Daí as deficiencias do serviço de vigilancia em Laventie, Fleurbaix e La Bassée, daí a possibilidade de Von Arnim poder concentrar oito divisões (nada menos!) contra o nosso esqueletico C. E. E.

Portanto surpreza em 21 de março, surpreza em 9 de abril. E agora surpreza em 27 de maio e está, francamente incompreensivél, pois toda a gente, leigo